

Responsabilidade coletiva

Vizinhança do Parque Olhos d'Água se mobiliza para ajudar a conservar a espécie de clube natural que funciona como um oásis para atividades de lazer, exercícios e meditação do bairro

» LEILANE MENEZES

O Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos d'Água, localizado entre as superquadras 413 e 414 da Asa Norte, nasceu para proteger uma área de 21 hectares repleta de nascentes, lagoas, mata de galeria, área de cerrado e fauna rica. A beleza do local atrai diariamente por volta de 1,5 mil pessoas. Mas nem todos sabem obedecer os limites de convivência entre o homem e a natureza para que o lugar possa continuar preservado. As pessoas invadiram os lagos para tomar banho e fizeram trilhas em locais não apropriados. Tais ações causaram o assoreamento da nascente que dá nome ao parque. O mau uso do solo provocou também o esvaziamento de uma das vistas mais belas, a Lagoa do Sapo, com 7 metros de profundidade, onde vivem patos, peixes e tartarugas. Há também 87 espécies de animais catalogados ali.

Na tentativa de conter o problema da degradação, o administrador do local, Ezequias Vasconcelos, recorreu a empresários e à comunidade para trabalhar a favor da conservação desse oásis de natureza em meio a um dos bairros mais movimentados de Brasília. No último mês, uma empresa de paisagismo atendeu o pedido, revitalizou a área e desenvolveu outras obras necessárias para a recuperação do Olhos d'Água. Em parceria com o Rotary Club Brasília Cruzeiro, a engenheira agrícola Nair Hiroko Kuroda, dona da Agroflora São José, realizou trabalho voluntário de planejar o remanejamento da vegetação da lagoa e da nascente. "A falta de cobertura vegetal em parte das margens da lagoa favorecia o escoamento desenfreado das águas pluviais que convergem para a bacia nascente", explica a engenheira.

As plantas e a calçada fixadas perto da Lagoa do Sapo modificaram a paisagem no local. A cerca de madeira agora dificulta a entrada de banhistas. A nascente recebeu uma ponte e pedras novas, além de vegetação espinhosa para impossibilitar as trilhas em locais inadequados. "Os frequentadores andavam ali e muita terra caía na água. Além disso, a nascente era pisoteada", lembra Nair. Ezequias administra o parque há dois anos. Desde então, busca parceiros para gerir o lugar. "Não dá para ficar esperando só o governo. Uma obra dessas custaria R\$ 15 mil e demoraria muito tempo para sair do papel. Eu bato de porta em porta para pedir a ajuda da comunidade. Recebi mais sim do que não".

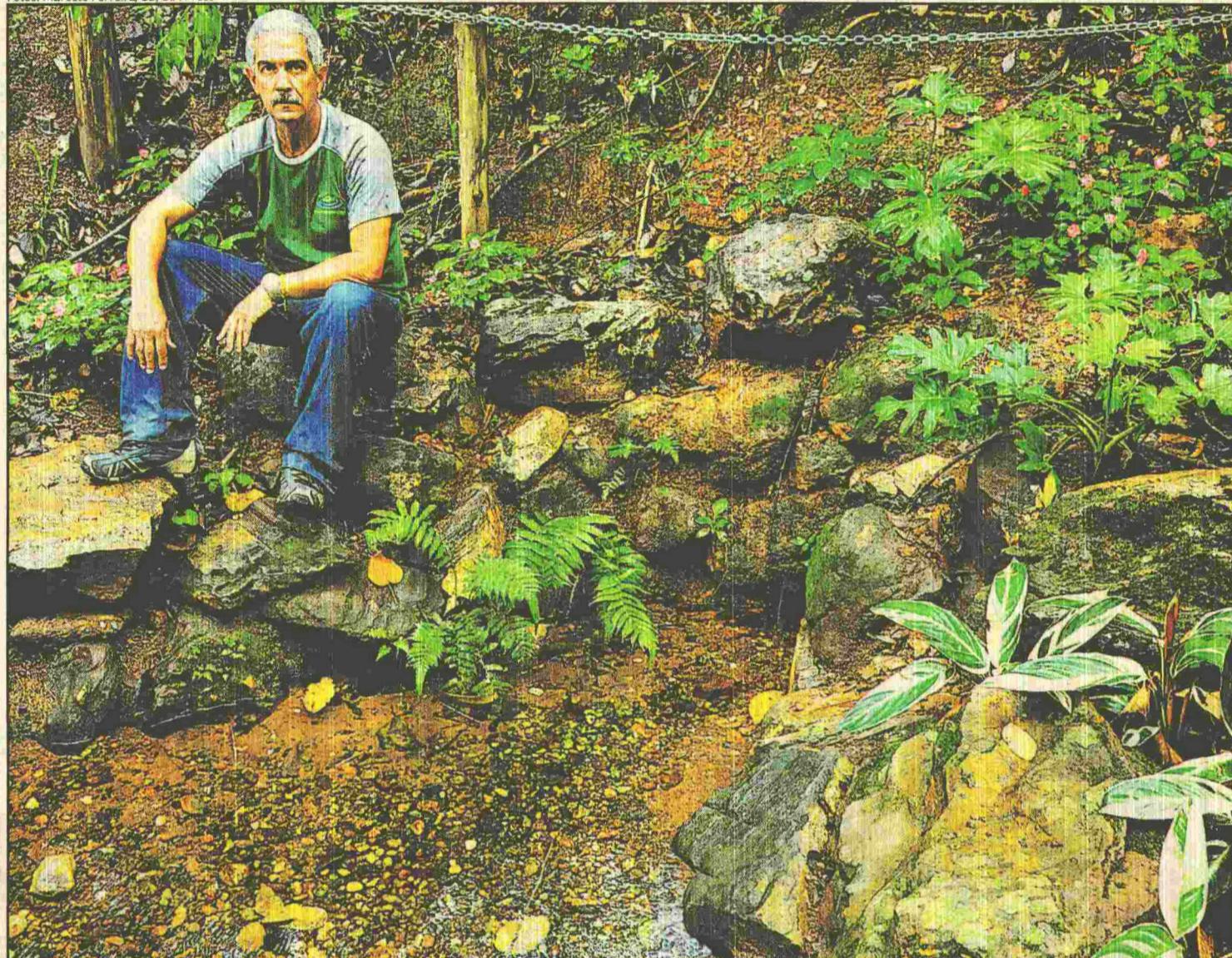
Amparado por decreto

O Parque Olhos d'Água comemorou 15 anos em setembro. O local foi criado pelo Decreto nº 15.900, de 17 de setembro de 1994, mas só recebeu infraestrutura adequada para recepcionar o público cerca de sete anos depois.

Homem e natureza

Assoreamento é o acúmulo de sedimentos pelo depósito de terra, areia, argila ou detritos às margens de um rio, lago ou baía. Pode ser consequência direta de enchentes pluviais ou ocorrer devido ao mau uso do solo, principalmente por desmatamentos, entre outros motivos. O rio assoreado fica mais raso, o que inviabiliza a navegação e modifica os ecossistemas. Isso pode causar inundações e problemas de abastecimento.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ezequias Vasconcelos: normas internas são decididas após consulta à comunidade. "Lutamos para abolir o cigarro aqui dentro", conta

No governo, existe muito discurso e pouca ação. Decidi fazer a minha parte pois acho que uma nascente que brota no coração da cidade merece ser bem tratada"

Nair Hiroko Kuroda, voluntária na revitalização do parque

"Não dá para ficar esperando só o governo. Uma obra dessas custaria R\$ 15 mil e demoraria muito tempo para sair do papel. Eu bato de porta em porta para pedir a ajuda da comunidade. Recebi mais sim do que não"

Ezequias Vasconcelos, administrador do Parque Olhos d'Água



Marreco selvagem descansa antes do voo sobre o lago onde se alimenta: fauna local é bastante diversificada

da comunidade. Recebi mais sim do que não", comemora Ezequias.

Além de Nair, outros empresários também atenderam o pedido de ajuda do Olhos d'Água. Uma academia de ginástica vizinha ao parque doou recentemente quatro banheiros para os usuários. Os moradores da região também contribuem, oferecendo material de construção, entre outros itens. A população participa ativamente das campanhas realizadas para incentivar o respeito às regras no local, como não levar

cachorros ou bicicletas e não alimentar os bichos. Os frequentadores criaram até uma associação chamada Amigos do Parque Olhos d'Água. "Todas as normas são decididas depois de consultas à comunidade. A próxima reunião será sobre a instalação de alto-falantes nos postes, com música ambiente. Se a maioria concordar, teremos som. Também lutamos para abolir o cigarro aqui dentro", definiu Ezequias.

O Olhos d'Água conta ainda com uma pista de cooper com

2km de extensão e 100m de largura. Há ainda um parque infantil, circuito de exercícios físicos, além de uma trilha interna. Nos fins de semana, um quiosque fica à disposição dos artistas para trabalhos de música e teatro, entre outras atividades. Grupos de ioga costumam oferecer aulas gratuitas e também meditação, sempre aos domingos. Recentemente, painéis com poemas foram espalhados pelo parque, para unir a cultura à natureza.

Aos sábados e domingos, o

parque se transforma em um clube, com muita gente tomando sol deitada na grama por todo lado. "As pessoas começaram a acreditar no nosso parque. Fazem doações para o local sem pedir nada em troca. Elas têm prazer de colaborar com algo pertencente a todos nós", comemora Ezequias, que era professor de educação física e resolveu se dedicar à administração de parques. Antes do Olhos d'Água, ele esteve à frente do Parque da Cidade. "Usei o exemplo dos parques de Curitiba para trazer mais qualidade ao da Asa Norte", explicou.

Com mais parcerias, o Olhos d'Água pode continuar a crescer. "No governo, existe muito discurso e pouca ação. Decidi fazer a minha parte, pois acho que uma nascente que brota no coração da cidade merece ser bem tratada. Vamos fazer a limpeza, repor as plantas e as pedras sempre que for necessário", promete a engenheira Nair Kuroda. "Nosso parque hoje é um modelo para todos os outros, graças à comunidade", finaliza o administrador.

Funcionamento

De segunda a domingo, das 6h às 20h. Normalmente o parque fica aberto somente até as 19h. Durante o horário de verão, os frequentadores ganharam uma hora a mais para se divertir.